

DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS

BOLSONARISMO SEM BOLSONARO?

Camila Rocha, Esther Solano e Thais Pavez
Abril de 2024



A adesão ao bolsonarismo continua forte entre os eleitores fiéis de Jair Bolsonaro. A despeito do ex-presidente estar inelegível até 2030, seus eleitores continuam se guiando por suas declarações e apoios políticos.



Há um entendimento generalizado de que Bolsonaro é perseguido pela mídia, pelo STF, pela esquerda, e pelo sistema político em geral.



No entanto, o bolsonarismo não depende exclusivamente da liderança do ex-presidente. Todos os entrevistados reconhecem que existem outras lideranças que podem conduzir seu projeto político.

Índice

	INTRODUÇÃO	2
1.	METODOLOGIA	3
1.1	Técnica de pesquisa	3
1.2	Roteiro de temas	3
2.	TEMAS ABORDADOS	4
2.1	Liderança de Bolsonaro	4
2.2	Acusações contra Jair Bolsonaro	6
2.3	8 de janeiro	8
2.4	Disputa de valores morais	10
2.5	Eleições presidenciais 2026	11
2.6	Eleições Municipais 2024	13
2.6.1	São Paulo	14
2.6.2	Rio de Janeiro	15
2.6.3	Belo Horizonte	17
	CONCLUSÕES	19
	Tabela: Perfil dos entrevistados	22

INTRODUÇÃO

Após Jair Bolsonaro ter sido declarado inelegível por oito anos pelo Tribunal Superior Eleitoral, e estar sob investigação da polícia federal por tentativa de golpe, as dinâmicas de poder dentro do bolsonarismo se tornaram menos evidentes. Em pesquisas qualitativas anteriores, realizadas com eleitores de Jair Bolsonaro (PL) em 2023, após sua inelegibilidade ter sido declarada, foi possível constatar que a adesão aos valores promovidos pelo ex-presidente – em prol de armas, contra a chamada “ideologia de gênero”, contra a legalização do aborto - permanece, bem como o discurso antagônico às esquerdas, ao comunismo, ao PT e ao STF.

Havia menções positivas por parte de votantes de Bolsonaro a lideranças como o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), ou mesmo ao governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo). Tarcísio Freitas (Republicanos), porém, era, então, visto com desconfiança por eleitores que apoiam de forma coerente as principais pautas do bolsonarismo. Michelle Bolsonaro vem sendo alavancada pelo Partido Liberal (PL) como possível liderança política no campo da extrema-direita a partir de sua atuação no PL Mulher. No entanto, a ex-primeira dama não detém cargo político, ao contrário dos filhos de Bolsonaro, os quais, contudo, não são bem avaliados como possíveis sucessores de Jair Bolsonaro pelo eleitorado bolsonarista.

As eleições municipais de 2024 deverão constituir um bom termômetro para verificar a força política e eleitoral do bolsonarismo atualmente. Sobre tudo considerando os argumentos e sentimentos que sustentam o apoio às crenças de fraude nas urnas, à tentativa de declaração de estado de sítio após as eleições e os ataques ao STF. Afinal, será possível observar se os eleitores de Bolsonaro irão se manter fieis aos candidatos e candidatas que se declararem bolsonaristas e apoiarem as mesmas pautas defendidas pelo ex-presidente, ou se irão privilegiar questões municipais específicas e votar em candidatos(as), independentemente de seu alinhamento com valores específicos ou mesmo com a figura de Bolsonaro. Além disso, será possível verificar também em que medida o antipetismo e o anti-esquerdismo irão se manifestar nas eleições municipais, considerando que o PT não lançará candidatura própria em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Tendo isso em vista, com o objetivo de compreender em maior profundidade como eleitores de Bolsonaro de diferen-

tes matizes e inclinações ideológicas percebem o bolsonarismo hoje, e estão orientando suas decisões para as eleições de 2024, realizamos mini grupos focais nas três principais capitais do Sudeste, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte nos meses de fevereiro e março de 2024, considerando três perfis de eleitores: conservadores (são contra a legalização do aborto e a “ideologia de gênero”), neoliberais (defendem a privatização da Petrobrás e estado mínimo) e moderados (não consideram justificável o que ocorreu no ato de 8 de janeiro).

Os minigrupos focais foram realizados no formato de tríades (com três participantes em cada grupo) e foram entrevistados de forma remota. A duração aproximada de cada minigrupo focal foi de uma hora e meia, e os participantes foram eleitores da faixa CD de renda, entre 35 e 60 anos, divididos em grupos exclusivos de homens ou mulheres.

1

METODOLOGIA

Ao contrário dos estudos de opinião pública conhecidos como *surveys*, pesquisas quantitativas baseadas em questionários fechados em que os entrevistados podem apenas responder às perguntas de forma positiva ou negativa e/ou concordar ou discordar com frases elaboradas previamente, a abordagem qualitativa permite compreender de modo mais aprofundado valores, opiniões e sentimentos das pessoas entrevistadas, os quais costumam apresentar muitas nuances, incoerências, contradições e complexidades que não são redutíveis a escalas ou tipologias simplificadas.

A pesquisa qualitativa pode se utilizar de uma ou mais técnicas de pesquisa, como grupos focais, entrevistas em profundidade e etnografia. O que existe em comum em todas estas técnicas é o estabelecimento de laços de confiança e empatia entre os entrevistadores e os sujeitos e, por esse motivo, as pesquisas qualitativas normalmente são realizadas com um número menor de pessoas e levam mais tempo para serem produzidas em comparação com *surveys*. Porém, a grande vantagem da pesquisa qualitativa, no que tange à análise dos dados coletados, é que ela facilita raciocínios de tipo indutivo. Em análises indutivas, as premissas que orientam a elaboração da pesquisa proporcionam apenas uma fundamentação parcial das conclusões, em contraposição a raciocínios dedutivos, utilizados para a confecção e análise de pesquisas quantitativas, em que as premissas fornecem um fundamento definitivo das conclusões.

1.1 TÉCNICA DE PESQUISA

A técnica de pesquisa adotada na presente pesquisa é o *minigrupo focal*, que é uma técnica diferente do grupo focal tradicionalmente utilizado em pesquisas de mercado e eleitorais. O grupo focal é uma discussão realizada em um ambiente neutro e controlado, sobre um tema ou tópicos específicos, conduzida por um entrevistador com um grupo de aproximadamente 10 pessoas, que não se conhecem previamente. Já o minigrupo etnográfico é uma discussão realizada em grupos de três pessoas, que se conhecem previamente, chamados de tríades e que são formados apenas por homens ou mulheres.

A ideia do minigrupo focal é aumentar a empatia entre o entrevistador e os entrevistados e diminuir possíveis ten-

sões entre os entrevistados em si, dado que os grupos são pequenos, homogêneos no que tange ao sexo dos participantes e os entrevistados se conhecem previamente. As entrevistas são baseadas em um roteiro semiestruturado de tópicos ou perguntas. A dinâmica ocorreu de modo remoto mediante o uso da plataforma digital *Google Meet*. Todas as entrevistas foram gravadas em vídeo e a duração variou de uma hora a uma hora e quarenta e cinco minutos. Os mini grupos foram realizados entre os dias 05 a 18 de março de 2024, com homens e mulheres de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

1.2 ROTEIRO DE TEMAS

O roteiro semiestruturado utilizado na realização dos minigrupos abordou as seguintes questões: 1. Percepção atual da figura de Jair Bolsonaro; 2. Percepção acerca do impacto da inelegibilidade de Bolsonaro para o bolsonarismo; 3. Percepção sobre impacto de possível prisão de Bolsonaro (ex. continuidade ou não como liderança da direita, impacto na sua influência política nos eleitores); 4. Percepção dos escândalos de corrupção associados ao governo Bolsonaro (ex. avaliação da questão da confiança na liderança); 5. impacto do 8 de janeiro na imagem do bolsonarismo; 6. Percepção sobre as acusações contra Jair Bolsonaro de colocar em risco a democracia; 7. Valores do bolsonarismo (quais valores despertam entusiasmo e atitudes de defesa); 8. Personagens de fora da política partidária que representam valores do bolsonarismo; 9. opinião sobre instituições democráticas; 10. futuro do bolsonarismo e possíveis novas lideranças; 11. Próximas eleições presidenciais; 12. Percepções sobre o presidente Lula, governo e futuro da esquerda. 13. Intenção de voto e elementos da escolha do candidato em grandes cidades do Sudeste na eleição municipal de 2024; 14. Impacto do apoio de Jair Bolsonaro nos candidatos à prefeitura; 15. Impacto dos valores no comportamento eleitoral; 16. Percepção sobre cidades do Sudeste decisivas nas eleições municipais

2

TEMAS ABORDADOS

2.1 LIDERANÇA DE BOLSONARO

Não há dúvidas entre os entrevistados que Jair Bolsonaro continua exercendo uma forte liderança no campo da direita. O principal critério de confirmação da sua força e do seu nível de aprovação é o apoio social recebido pelo político nas ruas, em manifestações, e nos demais eventos que participa. Bolsonaro é descrito como um líder rodeado pelas massas. Nesse sentido, foi citado como exemplo a manifestação “gigante” na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, ocorrida em fevereiro de 2024.

Para os seus apoiadores, o governo Bolsonaro criou um “rebuliço” e iniciou uma “arrumação do país” que precisa ser levada adiante e concluída. O ex-presidente ainda é considerado alguém que poderia conduzir esse projeto de transformação do Brasil. Nesse sentido, o fato de ser visto como “explosivo” ou falar de modo inconveniente é avaliado como uma atitude ora imprudente, ora sincera, mas é sempre contraposto nas narrativas pela percepção de um líder coerente. A percepção de coerência está associada à ideia de que Bolsonaro iniciou uma mudança em direção a um “novo Brasil”, reforçando, sobretudo, suas lutas em prol de valores associados à defesa da família tradicional e contra a corrupção:

Não é a pessoa do Bolsonaro, ele tem erros e falhas. A forma de falar (fez com que) ele perdesse algumas pessoas. Só que, na hora de fazer as coisas, ele buscava... Ele tentava, pelo menos, um caminho mais coerente e correto para o país. E seria, então, muito importante para a gente, para todos aqueles que prezam pela família, que prezam para que a gente não tenha corrupto. Não que não vai ter. A gente sabe que é quase impossível tirar todos os ratões do governo. Mas a gente teria, pelo menos, um pouco de esperança (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Para os entrevistados que se sentem representados por Bolsonaro, sua chegada à presidência teria deflagrado um movimento cujas bandeiras seus seguidores se identificam e situam no campo da direita, e que poderia corrigir ou sanar os problemas da nação. Ao mesmo tempo, o ex-presidente é visto como um líder antissistema justamente por ter tentado mudar o funcionamento da política; ele age contra um “sistema corrupto”. Esse movimento encontra-se vivo, tende a

crescer e é visto como necessário politicamente para dar continuidade ao projeto de mudança do país. Alguns entrevistados vocalizam o desejo de participar dos atos, de ir para as ruas, ou afirmam que já o fizeram no passado:

Sim, eu acho que ele colocou bastante medo em bastante bandido. Por mais que ele tenha ganhado muitos inimigos, a gente sabe que a maioria é comprada. Ele agiu como se ele fosse iniciar a arrumação do nosso país. Ele vai ter erros? Obviamente, ele não é perfeito, mas ele estava correndo atrás disso. Ele queria mudar (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Ele sabia que sozinho ele não ia conseguir, mas então ele começou a levantar uma massa que poderia pensar com ele, aí sim muda tudo definitivamente. As pessoas começaram a ter voz, porque a gente começou a entender que poderia falar, que poderia reivindicar. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Então, eu acho que ele continua, sim, sendo um líder ainda. O movimento que ele gerou no país é inegável. E ele levantou bandeiras que muitas pessoas se identificam e é por isso que esse movimento não perdeu força. A maior prova disso é que, assim, a gente acompanha aonde ele tem ido. São sempre eventos muito cheios. (Mulher, 38, neoliberal, Rio de Janeiro)

Recentemente, ele esteve na quadra da Mocidade, no Rio. E foi muito movimentado também. Então, eu acho que ele ainda é uma pessoa que representa bem esse movimento de direita, que é um movimento novo, inclusive. E, apesar de ter dessas coisas que aconteceram ultimamente, eu acho que, sim, ele ainda representa uma imagem forte ainda. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu também acho que ele continua muito forte, entendeu? Até hoje eu não consigo entender, na verdade, como que ele não ganhou, né? Porque a gente vê aí as passeatas, tudo que vem acontecendo, cada vez mais lotadas, vários apoiadores, várias pessoas sempre juntas com ele. (Mulher, 32, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu acho que a quantidade de pessoas que é arrastada nos eventos que ele vai é grande. No último que teve

agora na avenida Paulista também foi bastante gente. (Mulher, 35, conservadora, Belo Horizonte)

Ele sempre foi contra o sistema, ele seguiu a bola contra a mão do que era proposto. Foi assim, uma pessoa que tentou mudar um monte de coisa, tanto que a gente vê que um monte de coisa voltou. Chama muita gente e vai aumentar, porque vem mais gente, vai fazendo um atrás do outro. Porque, por exemplo, vem os filhos, vem a família. (Mulher, 44, conservadora. São Paulo)

Para os entrevistados, Bolsonaro deveria ter continuado no governo para seguir com as mudanças que iniciou. Para os apoiadores moderados e neoliberais, o ex-presidente fez ações modernizantes e estimulou o desejo de progresso, mostrando que se podia ir muito além de expectativas restritas aos benefícios sociais para a população, que caracterizaria o lulismo. De certa forma, esses entrevistados apoiam mudanças que reforcem os valores empreendedores na sociedade e ampliam expectativas e horizontes da população. Em sua visão, ao longo do governo Bolsonaro “o empreendedorismo aumentou bastante”, e o ex-presidente teria incentivado a atitude entre os brasileiros de “dar a volta por cima” em vez de se “acomodarem” em momentos de crise, como foi o caso da pandemia de COVID-19.

Além disso, Bolsonaro representa os seus valores cristãos e dirige um projeto de transformação da nação em direção a uma sociedade baseada nesses “pilares”, o que é especialmente reforçado pelos entrevistados conservadores. Entretanto, os entrevistados ponderam que o governo Bolsonaro foi obstaculizado pela pandemia, que limitou o potencial da transformação, apesar de avaliarem positivamente as medidas adotadas para enfrentar a crise com a implantação do auxílio emergencial:

Eu acho que ele deveria estar no governo, né? Para poder continuar fazendo o que ele estava tentando, para ter melhorias para o país. Esse governo atual não está fazendo coisa nenhuma. Está enganando todo mundo. E é uma pena que ele não foi reeleito (Mulher, 38, moderada, São Paulo)

Eu acho que ele tentou modernizar, por exemplo, a questão do GOV [site do governo], né? (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

O que o Jair Bolsonaro fez foi muito grave na política. Ele levantou bandeiras que nunca tinham sido levantadas, né? Ele quis defender ideias que não são benéficas para a política. Eles querem poder. Aquela união junto com os militares, eu vi muitas reformas sendo feitas de estradas, de rodovias. Ele quis fazer um movimento muito além daquilo que antigamente era. Ah, é só pro pobre, não, ele quis misturar e fazer todo mundo andar junto. Eu acho que isso é muito interessante. Meus avós, muita gente assim, meus pais, já tinha, vinha com esse pensamento básico, esse pensamento pequenini-

nho, de que a gente é assim mesmo, é pobrezinho, é coitadinho, precisa de uma bolsa, precisa ser ajudado por um político que é bonzinho. (Mulher, 38, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu também acredito que ele tenha muitas pessoas que o apoiam ainda. Eu sou uma delas, porque ele vem com isso de família. Ele segue os princípios que nós, cristãos, seguimos também, que é o princípio da Bíblia. É isso que a gente leva para nós. E hoje, com o governo atual, é muita coisa que é surreal, mas a gente falando do Bolsonaro, é uma pessoa que é um líder ainda. A gente fala pela última manifestação que houve na Paulista. Foram milhares de pessoas. (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

Sobre o governo do Bolsonaro, o que influenciou bastante, talvez, ele ter perdido, foi essa questão da pandemia, que as pessoas não tinham muita noção, porque em uma pandemia os alimentos aumentam, os combustíveis aumentam, tudo aumenta. Tem muita procura e tem pouca coisa, porque as pessoas estão paradas não estão trabalhando e não conseguem distribuir, então acaba tudo aumentando. (Mulher, 38, neoliberal, Rio de Janeiro)

Olha, eu creio que a única coisa ruim que ele pegou no governo dele foi ter participado da pior crise que a gente já passou em todos os momentos, não só político, como pessoal, social, cultural, que foi a pandemia. Acho que isso daí foi um grande agravante, mas eu creio que se ele se candidatasse novamente, eu creio que ele teria um grande engajamento. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo)

O governo dele foi bem em cima dessa questão da Covid, né? Então, o rendimento pode ser que não tenha sido o quanto todo mundo esperava. A gente já vinha aí de anos e anos esperando a melhora. Contra a corrupção e tudo. Do governo do Lula, Dilma Rousseff, enfim. Então, a gente tentou mudar aí, porque, assim, quando a gente vai votar em alguém, a gente sempre espera melhorias dessas pessoas, né? A gente estuda, tenta estudar o governo, as propostas dos governantes em si, só que, assim, o que importa é o que de fato acontece, as melhorias que eles de fato conseguem exercer no governo. E eu acredito que, pela questão da Covid, dessa crise, eu acho que não foi o rendimento que a gente esperava. Eu acho que poderia ter sido melhor no segundo governo dele. (Homem, 32, neoliberal, São Paulo)

Eu fui uma pessoa que fui beneficiada com o auxílio que a gente teve na pandemia. E nós só tivemos isso porque nós tivemos um presidente que teve cabeça para poder colocar isso para rodar no Brasil. Se fosse hoje, no governo atual, eu acho que o Brasil estaria totalmente quebrado. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

Na percepção dos entrevistados os atos do campo petista mostram-se esvaziados. Lula não consegue mobilizar apoio

social nos atos, e foge do contato com o povo em público, justamente para evitar se expor a demonstrações de desaprovação popular, como vaias. Inclusive, na percepção dos entrevistados, o atual governo estaria perdendo apoio. Alguns entrevistados relataram que amigos ou parentes teriam se mostrado arrependidos de ter votado em Lula em 2022 e pretendem votar em Bolsonaro, ou em alguém que assuma seu lugar nas próximas eleições presidenciais, aumentando, assim, o potencial eleitoral do campo bolsonarista:

O Bolsonaro, na minha opinião, ainda está muito forte, uma grande liderança. Várias pessoas que eu vejo e converso votaram no Lula, se arrependeram, e hoje já estão até meio que começando a gostar do Bolsonaro, pelo governo dele ter sido melhor do que o do Lula. [...] Eu escuto amigas que votaram em Lula, batiam no peito, e hoje estão arrependidas. Essas manifestações que o Bolsonaro tem feito, as pessoas estão apoiando. Essa minha amiga mesmo falou que está super arrependida, deveria ter votado no Bolsonaro. Isso é a opinião de uma amiga, que acha que votou errado, que acha que o Bolsonaro seria melhor, apesar de que ela gostava do Lula. Eu acho que um pouco o governo dele, algumas pessoas já estão arrependidas. Então eu acho que o Bolsonaro ainda é uma grande liderança. (Mulher, 48, moderada, Belo Horizonte)

Em questão do apoio, até aumentou. Porque, devido a tudo que a gente está vendo no governo atual, a gente viu o quanto era bom Bolsonaro governando. Inclusive, muitos desconhecidos meus que até votaram no Lula estão desesperados. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

E se você for ver hoje, quando o Bolsonaro está em algum lugar, a massa toda vai atrás dele. Quando o Lula faz qualquer coisa, a gente viu aí, 7 de setembro, estava lá ele, a esposa e meia dúzia de gato pingado [...]. (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Lula tem medo, ele tem medo de sair, né? Ele está com medo de ir onde o povo está. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Lula sabe que ele não tem adeptos a ele. Ele sabe que vai ser hostilizado, vai ser chacoalhado, vai ser vaiado. (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Por fim, há entre os entrevistados um descontentamento generalizado com o governo Lula, que estaria revertendo as mudanças que o governo da direita teria iniciado. De modo sintético, os apoiadores de Bolsonaro avaliam que o governo Lula: i) não representa os valores defendidos pelo bolsonarismo, ao contrário, reforça a inversão de tais valores; ii) realiza um excesso de gastos em seu governo (ex. viagens) e privilégios (ex. para artistas por meio da Lei Rouanet, ou população LGBTQIA+); iii) implementa uma política internacional desastrosa (ex. caso de Israel); iv) corta benefícios sociais, v) pratica a intervenção do Estado na educação para favorecer valores contrários aos dos bolsonaristas; vi) é responsável pelo au-

mento do custo de vida. Além disso, vii) desestimula o empreendedorismo (ex. mudanças que impactam as MEIs, regulamentação dos serviços de aplicativo de transporte, ou “ao incentivar o conformismo”); vi) piora o problema de segurança (ex. presos que fogem de cadeias de alta segurança).

Por outro lado, o governo Bolsonaro: i) teria iniciado um processo de “arrumação da casa” combatendo a corrupção; ii) se preocupado com os pequenos empreendedores e incentivado a atitude batalhadora do empreendedorismo; iii) teria continuado a ofertar benefícios sociais em momentos oportunos (ex. auxílio emergencial na pandemia); iv) e se preocupada com a segurança pública.

É importante frisar que as declarações do governo Lula em relação à questão do conflito em Israel causaram grande mal-estar entre os apoiadores de Bolsonaro, sobretudo entre os que se consideram cristãos. Para os entrevistados moderados e neoliberais, Lula teria causado uma confusão desnecessária, no entanto, no imaginário dos apoiadores cristãos, o povo israelense é cristão e, portanto, um ataque contra Israel e o seu povo é também um ataque contra eles, dado que Israel tem um lugar central nesse imaginário religioso:

Israel é o relógio do mundo, é o termômetro mexendo. É o relógio, os ponteiros já se alinhando para o fim dos tempos. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Em síntese, o movimento deflagrado por Bolsonaro segue forte e vivo, e continua a alimentar desejos de mudança. Para os entrevistados, inclusive, o movimento já não depende exclusivamente da liderança do ex-presidente, pois hoje existem outros líderes da direita que poderiam conduzir seu projeto político, ou substituí-lo nas próximas eleições:

Eu acho que se criou um movimento de pessoas que querem fazer história, querem mudar alguma coisa. Essa é a impressão que eu tenho. Caso não seja o Bolsonaro, vai se levantar alguém ali desse meio com a mesma representatividade, tentando trilhar esse caminho. Então, eu acho que vai muito além do Bolsonaro agora. Acho que isso é legal. Quebrou lá aquele negócio de direita e esquerda, e só a esquerda presta, e o direito não sei o quê. Porque tem algumas pessoas que vão migrar, vão entender o momento político que a gente está vivendo, que é de mudança, e vão colocar alguém lá”. (Mulher, 38, neoliberal, Rio de Janeiro)

2.2 ACUSAÇÕES CONTRA JAIR BOLSONARO

No que diz respeito às acusações de corrupção e à declaração de inelegibilidade pelo Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) de Jair Bolsonaro, foi possível verificar que existe um consenso entre todos os perfis de apoiadores que as acusações são, no mínimo, uma manobra, uma jogada ou uma estratégia política para tirar o ex-presidente do campo da disputa política e das próximas eleições porque é o candidato com mais chances de vencer contra o Lula e o PT. Tal estratégia ou

manobra seria conduzida pelo Partido dos Trabalhadores (PT), pela esquerda, e pelos grandes meios de comunicação. O Supremo Tribunal Federal (STF) também agiria de modo parcial a favor desses interesses. Para uma parte dos apoiadores, essas manobras fazem parte de uma perseguição política, cujo objetivo é impedir que Bolsonaro continue lutando contra um sistema corrupto e realizando mudanças:

Eu vejo que é uma perseguição política desde o dia que Bolsonaro se candidatou. É pura perseguição. Por que como uma pessoa que não fez nada de errado vai ser inelegível, uma pessoa corrupta que roubou do Brasil pode ser eleita e virar presidente do Brasil? Uma pessoa que é tirada da cadeia para concorrer. É pura perseguição política contra ele. Porque ele vai contra o sistema. Ele quer ajudar. E a maioria dos políticos não quer ajudar os pobres. Quer ajudar só entre eles. Então quando vem uma pessoa que quer ajudar eles querem deixar ele inelegível. É só isso. Perseguição política. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Eu acho que é mais perseguição mesmo. Porque apesar de tudo, o Bolsonaro veio com muita força. E se tivesse alguma coisa hoje para ser feita e ele pudesse ser elegível ele ganharia. Então eu acho que é mais uma jogada política do que uma coisa que realmente foi constatado que fez ou não fez. (Mulher, 31, moderada, Belo Horizonte)

O que está acontecendo com Bolsonaro em relação a essa possibilidade de ele não se candidatar na próxima eleição presidencial? Perseguição, né? É uma perseguição explícita, porque eles não fazem mais nem questão de esconder, beira o nível do absurdo, porque, se ele dá um passo, está errado. Se ele espirrou, está errado. Tudo que ele fala ou faz é usado contra ele, né? A maior prova disso é que no governo dele ele não podia fazer nada que estava errado. E a gente vê agora, neste governo, coisas absurdas acontecendo e o silêncio impera da imprensa, das pessoas, inclusive, que votaram e que hoje se arrependem. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu acho que todas as narrativas que foram criadas, lojas de chocolate, joias, eu acho que se fosse realmente verdade, Bolsonaro já era para estar preso, mas nada foi provado de concreto. Eu vejo como uma cortina de fumaça para as pessoas acreditarem na notícia, como muita gente não pesquisa, não vai a fundo, compartilha isso em redes sociais, então de tanto você propagar uma mentira, ela acaba sendo uma verdade, essa é uma estratégia. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

Eu acho que é uma manobra política, porque, por causa da força que o Bolsonaro tem, querem pegar ele de tudo quanto é forma, né? Para poder fazer com que ele não se candidate, porque ele viria muito forte na próxima eleição. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo)

Em relação a isso dele ser inelegível, eu acho que realmente é uma perseguição contra ele, que não tem cabimento, porque é assim, o país inteiro, esse pessoal aí da política, eles roubam, esse pessoal rouba e eles vão ficar,

lógico, aliados a quem? Ao governo que rouba, que é o atual governo, que é o do amor que falam, né? Então esse pessoal aí, do STF, está todo mundo coligado um no outro, porque assim, o Bolsonaro veio, começou a impor várias coisas, aumentou a segurança, coisa que a gente já viu que já piorou tudo de novo, desde quando iniciou o ano, né? Então eles não querem ninguém no pé deles, eles querem ficar livres para poder fazer o que eles bem entenderem, então eles querem o mais fácil que está ali com eles, o que vai deixar eles fazerem o que eles bem entenderem e o Bolsonaro não fazia isso, não deixava essa coisa de roubar na cara dura. Enfim, várias outras coisas, por isso que está todo mundo aí coligado um com o outro e não deixaram o cara ser reeleito, né? Aí botaram agora como inelegível, porque ele voltando, aí a ser presidente, ele vai acabar com essa mamata toda aí. (Mulher, 38, neoliberal, Rio de Janeiro)

Os apoiadores que afirmam que se trata de uma perseguição a Bolsonaro pensam que é necessário continuar com as investigações e realmente verificar se existem provas suficientes ou que justifiquem as acusações. O tema do sigilo de 100 anos aplicados sobre uma grande quantidade de documentos e dos filhos de Bolsonaro surgiram em alguns grupos como possíveis evidências de que, talvez, de fato houve corrupção em seu governo. Até agora, entretanto, esses apoiadores não se mostram convencidos da responsabilidade do ex-presidente, mas também dizem “não colocar sua mão no fogo” por Bolsonaro, pois o mundo da política se caracteriza pela corrupção generalizada:

Eu acho que tem investigações que desde que ele se candidatou começaram investigações, né, porque é isso que a oposição faz, né? E também eu acredito que muita coisa foi manipulada pela mídia, mas muita coisa pode ser que tenha existido, e vão investigar. É a investigação que vai dizer, porque outros candidatos que foram investigados, teve prova e tudo, mesmo assim ainda conseguiram se eleger, então vamos ver o que está por vir (Mulher, 35, conservadora, Belo Horizonte)

Eu creio que tem que haver provas palpáveis. Nenhum político está isento de corrupção. A política brasileira é uma máfia. Eu acho que, para você estar lá dentro, você tem que ter sempre um jogo de cintura. Obviamente. Eu não ponho a mão no fogo e nem arrisco o meu pescoço por nenhum político. O Bolsonaro tem que provar que realmente não houve corrupção. Eu creio que o que houve mais, que foi uma pedra no sapato, foi aquele sigilo de 100 anos que foi em cima das contas deles, dos filhos dele e tudo mais. Eu creio que, assim, um político não tem que ter sigilo nenhum sobre ele. Eu creio que o político tem que ser um livro aberto para a população porque, querendo ou não, fomos nós que elegemos ele atar no poder. Então ele é o que é o nosso representante legal e é o que vai sempre, de certa maneira, manipular as coisas a favor da sociedade, da população. Mas eu creio que tudo tem que ser pautado em cima de provas. Ninguém tem que ser isento. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Caso Bolsonaro seja preso, os entrevistados afirmam que ele continuaria tendo uma voz ativa, como teria ocorrido com Lula. Ainda que a prisão pudesse levar alguns entrevistados a repensar o apoio político a Bolsonaro em si, isso não se aplicaria ao campo da direita e suas demais lideranças. Entretanto, os entrevistados não veem a possibilidade de prisão como algo plausível:

Se o caso for comprovado, se o caso for comprovado, ele for preso, por mais que eu goste dele, eu ia votar em outro, mas que seja da direita. Eu não ia apoiar um que foi preso, não ia querer colocar um presidente preso, que foi presidiário, igual ao Lula, eu. Mas eu acredito que é difícil ele ser preso. Se ele for preso e ele sair da cadeia... eu ia pensar duas vezes, mas eu acredito que ele não vai ser preso. (Mulher, 34, conservadora, Belo Horizonte)

A atuação do STF nesse contexto, liderada pelo ministro Alexandre de Moraes, é avaliada pelos entrevistados como parcial por, entre outras coisas, restringir a possibilidade de as pessoas expressarem seu apoio político ao campo bolsonarista nas redes sociais. Dessa maneira, para os entrevistados a instituição excederia o poder que lhe foi conferido:

Eu acho que o STF quer mandar no Brasil. E ele tem poder para isso? Não. Mas ele tem. É a coisa mais engraçada, ele não tem, mas ele tem. Mesmo se fizer a reestruturação toda dele, vai continuar a mesma coisa. Não vai mudar. Porque as pessoas que vão entrar lá elas já sabem o que vão fazer. Então, assim, não é que os STF deveria acabar, mas deveria ter mais leis que punissem as coisas que eles fazem e que não tenha letrinhas miúdas que eles possam anular: "sou o poder supremo aqui, ninguém pode me tocar e eu vou fazer o que eu quiser". Não, não é assim que funciona uma democracia. (Mulher, 31, moderada, Belo Horizonte)

Então, é muito complicado isso porque o Alexandre de Moraes ele conseguiu criar um terror que muita gente tinha medo de comentar na internet. Porque você não sabia o que podia acontecer. Teve um post que eu fiz a favor do Bolsonaro (e recebi um aviso) dizendo que eu estava usando imagens indevidas. E não tinha nada. Era a bandeira do Brasil e o apoio do Bolsonaro. E eu acho que isso incomoda eles. Porque você não vê representatividade no governo deles. Você vê a camisa vermelha só. Só que, pô, quem leva a nossa bandeira? Quem leva a nossa camisa do Brasil? Isso incomoda. Acho que às vezes eles perseguem mesmo. É a única coisa que eles podem fazer. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Entretanto, para os entrevistados que acreditam que a série de acusações que pesam contra Bolsonaro é uma perseguição política cuja finalidade é reverter, ou neutralizar seu apoio, a manobra não irá surtir efeito. Afinal, sua base social seria "forte" e há outras lideranças que poderiam substituir a liderança do ex-presidente e realizar a transformação do país:

É mais uma questão de perseguição política do Alexandre de Moraes, mas que não adianta muita coisa, por

que mesmo que tire ele, ele tem uma base muito forte. Então tem aí outras pessoas que podem ocupar o mesmo cargo. Não é o caso do deputado Nikolas, porque ele é muito novo ainda, mas tem outras pessoas que podem fazer esse papel. Então eu acho que não adianta muita coisa perseguir, prender, porque a base é forte. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

Eu tenho contato com alguns bolsonaristas que se arrependeram de ter votado em Bolsonaro. Não é o meu caso, mas eu convivo com algumas pessoas que já se arrependeram por conta dessas notícias. E eu acredito que, até se esclarecer tudo, existe a possibilidade, sim, da popularidade dele cair um pouco, mas não o suficiente para acabar com o favoritismo dele. Eu acho que isso não vai acabar nunca. A sede de mudança que o Brasil tem é maior do que qualquer ato falho que ele tenha cometido. Por mais que seja provado que ele tenha feito algo de ruim, o favoritismo dele ainda não vai acabar. Então, eu ainda acho que muitas coisas vão acontecer, é lógico, o pessoal não vai parar de correr atrás de coincidências para poder mostrar que ele fez alguma coisa de errado, mas quem vota nele ainda vai continuar votando, por mais que isso aconteça (Mulher, 41, moderada, São Paulo)

2.3 8 DE JANEIRO

Há um consenso em repudiar o vandalismo e a depredação do patrimônio ocorrido no ato de 8 de janeiro. Mas para a grande maioria dos participantes essa violência foi deflagrada por "infiltrados" do PT ou da esquerda, sendo que eventualmente um ou outro apoiador de Bolsonaro teria aderido ao vandalismo quando a violência se espalhou. Alguns argumentam que esse tipo de violência caracteriza manifestações da esquerda, e não as de direita, que sempre foram pacíficas, e as imagens filmadas do dia do evento são postas em dúvida.

Há ainda um sentimento generalizado de injustiça em relação à prisão e à condenação dos participantes dos ataques promovidos no dia 8. Seja porque seriam inocentes, seja porque a pena aplicada é desproporcional. Para alguns entrevistados, a desproporcionalidade das penas aplicadas seria uma forma de inibir a atuação política do bolsonarismo, além de sinalizar uma injustiça, considerando a impunidade concedida aos "verdadeiros bandidos" que matam ou roubam, e ainda conseguem o benefício das "saidinhas", ou penas menores, e aos "políticos" que também seriam bandidos e agiriam impunemente. Apenas alguns entrevistados neoliberais entendem que eram extremistas que teriam ultrapassado limites:

Eu estou a favor do ato, não do vandalismo. Mas foi comprovado que quem começou o vandalismo era um cara petista. (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

Eu acho que foi uma coisa que foi bem programada, que foi algo pacífico. Tanto é que as pessoas ficaram mais de 60 dias lá [acampadas]. E no dia 8 de janeiro, o povo se infiltrou e quebrou tudo. Não foi ninguém da direita que

quebrou. As pessoas normalmente são pacíficas. Queriam fazer uma manifestação pacífica, não iam quebrar nada. O próprio Lula que mandou o povo lá quebrar tudo. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Os bandidos estão soltos, os bandidos estão julgando, os bandidos estão fazendo leis e não cumprindo leis, inventando ministérios, inventando taxas, inventando prisões, inventando penas que não existem na Constituição. E esse povo que está lá, o que você acha deles que estão lá pegando cadeia? É injusto, porque não tem prova nenhuma de que eles estavam praticando vandalismo. Eles estavam na manifestação. Aí escolheram meia dúzia, fracos. Fracos, que eu digo, é que não tem uma bandidagem dando costas quentes para manter a lei. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Eu sinceramente acho que quem fez aquilo tudo lá, que quebrou as coisas, foi gente do PT que botou a camisa do Brasil e fingiu que era do pessoal do Bolsonaro para poder ter alguma imagem, pra poder falar que o pessoal do Bolsonaro fez o quebra-quebra. Ali estavam pessoas do bem, pessoas que estavam ali pra poder reivindicar isso tudo. Quebra-quebra do nada, não existe isso. Com certeza era gente infiltrada ali do PT ou sei lá da onde, contratados por eles ou não (Mulher, 32, neoliberal, Rio de Janeiro)

A gente sabe que, assim, alguns eleitores realmente são mais fervorosos e pode ter acontecido de, às vezes, uma pessoa só querer fazer alguma coisa e talvez misturou com quem já estava ali para fazer isso mesmo, contratado às vezes até para fazer aquilo ali, e foi o que aconteceu. Eu não acho que tenha sido algo genuína, pra mim foi uma coisa armada. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu acho que não deveriam estar presos. Porque tem gente que está solta, que comete crime... Eu acho que tem que pagar pelos atos, os que quebraram, as pessoas que fizeram vandalismo lá dentro, sim, têm que pagar pelos atos, mas não ficar preso. Porque tem gente que comete crime pior e está solta. (Mulher, 33, conservadora, Belo Horizonte)

Não concordo com essas pessoas estarem presas. Então, se já prenderam, já fizeram, na minha opinião, está errado, então solta! Realmente é isso mesmo, os bandidos perigosos que devem estar ali, que devem ter esses méritos, né? Saidinha, de Natal, Dia das Mães. Igual aquela Suzane Richthofen. (Mulher, 48, moderada, Belo Horizonte)

Olha que ponto chegamos, né? Se isso não é uma armadilha, se isso não são bodes expiatórios, o que é, então? Para mim, uma das coisas mais absurdas que eu acho que aconteceu foi isso aí. Mas eu acho também que tem um intuito justamente de amedrontar as pessoas, e dizer assim, ó, é isso aqui que vai acontecer. Se você for pra rua, é isso aqui que vai acontecer. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu também repudio aquele ato, não concordo com aquele ato. Porque, para mim, foi pura depredação. A gente sabe que o extremismo tem várias áreas, não só na política, na religião também, entre diversas outras áreas. Mas eu acho que foi um ato sem necessidade, foi puro vandalismo. Não teve, de fato, um motivo que justificasse o horror daquele. (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

A desconfiança em relação aos resultados das urnas e aos processos eleitorais é amplamente disseminada. O critério da força social do bolsonarismo serve nesse caso para explicar a descrença nos resultados da última eleição presidencial. Para os entrevistados, a quantidade visível de apoiadores de Bolsonaro que comparecem em atos públicos não condiz com os resultados das urnas. Argumenta-se também que as urnas eletrônicas não são confiáveis e podem ser facilmente fraudadas, ou que, ainda que funcionem corretamente, os resultados podem ser atribuídos à compra de votos. Alguns entrevistados apontam, ainda, que no dia das eleições houve problemas com os locais de votação que teriam supostamente prejudicado eleitores de Bolsonaro, e houve ainda quem afirmasse que mesmo o voto impresso, defendido por Bolsonaro, pode ser manipulado se houver intenção de manipular os resultados. A ideia de fraude não foi defendida apenas entre eleitores moderados, os quais, porém, apontaram que Lula teria sido eleito por oferecer benefícios sociais que promovem comodismo:

O Brasil não é um país de primeiro mundo, A gente está usando o mundo eletrônico, e os países de primeiro mundo não usam. Então, assim, não dá para engolir a urna eletrônica (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Então, não faz muito sentido. A gente teve relatos também de pessoas que não conseguiam votar porque a tecla, uma das teclas que fazia parte do partido do Bolsonaro não estava funcionando. Então, se a pessoa reclamasse na sessão na urna, era tido como dado ao de prisão, porque ela estava criando um tumulto ali. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

Nos Estados Unidos, não têm urna eletrônica. Se fosse algo tão seguro assim, eles não iam querer ficar contando votinho por votinho manual. Eles não acreditam na urna eletrônica. Ninguém acredita na urna eletrônica. É fácil fraudar, esses hackers fraudam isso aí. Se fosse uma coisa honesta, esses países de primeiro mundo iam usar a urna eletrônica. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Olha, eu acho que poderia ser fraudada de qualquer uma das duas formas (voto impresso ou eletrônico). Porque assim como as pessoas também podem ser compradas, vamos dizer assim, de forma mais agressiva, podem ser compradas para poder fazer uma contagem a favor de determinado candidato, assim como as urnas também podem ser hackeadas a favor de algum deles. (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

Os mesários da minha sessão, todos eram pra esquerda. Eles estavam vestidos com camisas com cores que dava pra saber. Eu estava com adesivo de Bolsonaro, quando eu fui votar, nas duas eleições, e eu tive problema nas duas eleições por causa disso, de tentarem me impedir de votar. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu não acredito que houve fraude na eleição, até porque foi provado que realmente não houve alteração no resultado das urnas, né? Que as urnas não foram fraudadas. Infelizmente, eu acredito que a torcida a favor do PT ainda, nessa última eleição, superou sim a do Bolsonaro. Não acho que houve fraude. Acho que, infelizmente, o brasileiro tem uma visão ainda de comodismo. O PT, de uma certa forma, ele traz um comodismo para o Brasil. O PT, eu vejo dessa forma. O PT, ele se preocupa muito com benefícios para deixar o brasileiro embaixo de uma árvore, sabe? E o Bolsonaro, não. O Bolsonaro é um governo que incentiva a gente a batalhar pelo nosso crescimento, batalhar pelo que a gente quer. Tipo, você quer alguma coisa? Então, vamos correr atrás. O governo vai estar aqui te dando suporte, mas tem que fazer a sua parte. Já o Lula, não. Ele conquista os eleitores dele com benefícios que proporcionam comodismo. É uma falsa facilidade. Mas ele automaticamente ludibria os eleitores dele dessa forma. Por isso que ele acabou ganhando a última eleição. (Mulher, 31, moderada, São Paulo)

Apesar de alguns entrevistados terem se mostrado favoráveis ou inclinados à ideia de Bolsonaro ter declarado Estado de Sítio após as eleições, pondera-se que isso poderia prejudicar o país. Tal avaliação é feita, sobretudo por entrevistados moderados e neoliberais, para quem tal ato poderia desencadear caos e uma guerra interna. Ainda que alguns defendam que o país necessita de um “chacoalhão” para sair do comodismo, há uma percepção generalizada de que Bolsonaro teria “poupado” o povo brasileiro, ainda que seus próprios apoiadores estivessem, naquele momento, demandando tal medida. Uma parte dos eleitores reconhece ainda que a declaração do Estado de Sítio poderia ter afetado a democracia, e que a melhor via para o retorno de Bolsonaro ao poder é por meio das urnas:

Eu acho que seria interessante declarar Estado de sítio, mas eu não sei se ia ser bom para o país. Porque eu acho que ia ser um caos, e, de repente, ia ser pior do que está acontecendo agora. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Um golpe teria sido, sim, uma radicalização para o lado negativo, porque até mesmo quem se posiciona a favor do golpe, na hora que tivesse acontecido, se espantaria com tanta rigidez, com a transformação brusca que isso ia trazer para a nossa realidade. (Mulher, 33, moderada São Paulo)

Eu ainda parto do princípio que o brasileiro tem que ser chacoalhado. O pessoal ia se chacoalhar, entendeu? Ia acordar para a vida, entendeu? E aí eu acho que ia sair mais do comodismo. (Mulher, 39, moderada São Paulo)

Eu acho que foi melhor ele ter deixado quieto, porque pra mim também tem uma justiça divina acima disso, entendeu? Vamos pensar que assim foi melhor. Acabou que não ajudou de nada. Porque, assim, se ele fazia tudo dentro da ordem e já era condenado, imagina se ele fizesse qualquer coisa além, já ia ser um prato cheio também para, enfim, prender ou matar a terceira geração dele. Eu acho que ele foi muito inteligente. Ele poupou muita gente. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Ele poupou a gente de algo pior. Eu entendi isso. Ele deve ter calculado ali direitinho.

Viu que o pessoal estava com seus ânimos exaltados. Ia vir muito problema. Ia ficar um caos. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Ia acontecer uma guerra no país. E eu acho que foi importante. Ele mostrou ali que o interesse dele, na verdade, não estava no poder, né? Ele até nesse momento, eu vi esse ato dele, que até nesse momento ele pensou no povo. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu creio que ele, com o poder que ele tinha no momento, eu creio que ele deveria elaborar estratégias para poder se eleger novamente, para tentar tirar essa imagem de ter o poder de forma forçada. Para não arranhar a imagem dele, deveria ser democraticamente. (Homem, 49, moderado, São Paulo)

2.4 DISPUTA DE VALORES MORAIS

A disputa centrada nos valores morais continua sendo uma das principais frentes de enfrentamento encampadas pelo bolsonarismo. O governo petista, nessa concepção, age no sentido contrário, incentivando a continuidade de uma sociedade em que os valores estão invertidos. Alguns entrevistados apontaram ainda que a nova nação, ou a “nova etapa do Brasil”, está ligada a um processo “revolucionário”, de transformação cultural. Portanto, ainda que as lideranças que dirigem esse projeto sejam perseguidas ou presas, o processo revolucionário em curso vai se realizar de qualquer forma:

São essas bandeiras que a gente defende. As bandeiras, aqueles valores que são inegociáveis. O mundo muda, a revolução vem, mas os pilares da revolução permanecem. E na política é isso. Então, assim, acho que a gente vai evoluir culturalmente para entender o que é certo e o que é errado. Vai demorar anos e anos. Eu tenho essa consciência que não vai ser amanhã, mas essa revolução que está acontecendo aí na política é o começo de uma nova etapa do Brasil. Não é fácil, não está sendo fácil, não está sendo aceito porque as mudanças, elas assustam principalmente quem gosta do poder, quem tá no poder. Mas ela vai acontecer porque muita gente vem dessa maneira. Eu acho que muita gente está sendo presa, muita gente está sendo caçada, muita gente está sendo perseguida. Estão tentando não mudar o

que somos. Mas vai chegar um momento que não vai ter jeito, a revolução vai chegar. É a questão do certo e do errado. Porque quando era Bolsonaro, no caso, era a coisa certa, a parte certa, que contra o aborto, todo mundo ali com a família, priorizando família, todo mundo lutando pela questão do armamento, para se defender e tudo mais. E Lula é tudo do contra, tudo ao contrário, parece que, no caso, é o errado. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

Em relação à disputa de valores, o assunto que mobiliza fortemente os entrevistados é a educação. Em sua visão, o Estado estaria supostamente impondo de cima pra baixo políticas contrárias aos seus valores para a educação das crianças, em particular no que diz respeito à “ideologia de gênero” e ao “banheiro unissex”. A questão transgênero foi amplamente abordada pelos apoiadores que questionam e criticam a abordagem educacional da identidade de gênero na infância. De modo geral, há uma percepção de que o debate sobre gênero deve se restringir ao espaço privado e não se tornar uma pauta de programa de governo, e nem a população LGBTQIA+ deve se tornar “beneficiária” de políticas públicas.

Há ainda quem considere que a questão transgênero vá além das escolas. Estes manifestam abertamente o rechaço e a desconfiança em relação às pessoas transgênero, vistas como dissimuladas e ardilosas, pois supostamente usariam sua identidade para obter “vantagens” ou “benefícios”:

Porque para nós, não que a gente está julgando, cada um que cuide da sua vida, seja quem quiser ser, seja o que for, a gente não é preconceituoso, só que quando a gente fala sobre esse assunto de preconceito, porque falam muito que os cristãos são preconceituosos, que a gente até agride, que somos homofóbicos, isso é uma mentira, é uma mentira deslavada. A única coisa que queremos é que esse escancaramento que está hoje aí fora não atinja as nossas crianças. As crianças do Brasil não precisam receber, goela abaixo, um livro de sexo, um livro de famílias alternativas. (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Quando a gente fala que é uma coisa só para eles, quando você fala de cultura, a cultura tem que ser para um todo. Levar o meu filho a um teatro, que caiba no meu bolso, mas não, eles só querem abrir as coisas para um LGBTQIA+. É só isso que eles querem. Eles não querem mostrar uma coisa assim para a diversidade, mas eu não quero que o meu filho veja uma pessoa nua no teatro, eu não quero isso. (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

Por que o Estado tem que intervir na forma de educação que eu quero para os meus filhos? Se eu estou fazendo o que eu acredito que seja certo, que é o meu costume? Então, eu acho que o problema hoje em dia é a intervenção, a intervenção do Estado dentro da família, de todos os tipos de família que eu posso dizer. (Mulher, 35, conservadora, Belo Horizonte)

Respeitar a gente, né? A gente sabe respeitar. Mas a questão de, justamente, de colocar como dever, né? Querem induzir as escolas a estarem... A questão do banheiro misturado, coisas que (são contra) o valor de uma família tradicional, né? Não faz sentido. (Mulher, 31, conservadora, Belo Horizonte)

Eu acho que isso daí também é uma outra coisa que neste governo eu vejo que isso foi um pouco deixado pra trás. Porque eu nunca vi escola querer educar sexualmente, por exemplo, meu filho. Não, não é a escola que vai educar sexualmente meu filho. Sou eu que vou passar as orientações. Eu não quero que a escola estimule qualquer coisa no meu filho. Eu quero poder conhecer-lo e conviver com ele, eu quero poder passar essas informações. Eu sou uma pessoa assim, eu acredito na biologia. Foi que nem eu vi uma matéria que eu achei engraçado. Porque tinha uma mulher que se dizia homem e era traficante. Só que na hora que o policial prendeu, o que ela fez? Ela falou, eu sou mulher. Por quê? Porque aí a pena é menor. Você não vai pra cadeia com os homens. Ou seja, quer ser homem ou mulher quando convém. É muita confusão nisso. Aí eu vejo, isso é falta de família. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Cada um tem o direito de fazer o que bem quiser da vida, mas não precisa banalizar. E eu, por exemplo, como tenho duas filhas pequenas, eu gostaria que elas tivessem a mesma educação que eu tive, mas é impossível, porque os valores estão completamente distorcidos e em algumas questões o Bolsonaro e a Michelle são rígidos, eles são firmes. E para quem tem filho, para quem deseja um futuro melhor para as suas crianças, eu acredito que o posicionamento deles seja o mais correto. Independente de religião, independente de qualquer crença, é um posicionamento, pensando no bem-estar de quem convive aqui. Com essa bagunça que está hoje, com essa banalização do sexo, da ideologia de gênero, de tudo. Está tudo uma bagunça. Parece que o que é errado é o certo, e que o que é o certo é o errado. (Mulher, 41, moderada, São Paulo)

2.5 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2026

Tendo em vista a declaração de inelegibilidade de Jair Bolsonaro, quando perguntados em quem votariam nas próximas eleições presidenciais, os apoiadores de Bolsonaro manifestaram intenções de votar em outras lideranças que representam o campo da direita. Tarcísio Freitas (Republicanos), atual governador de São Paulo, despertou entusiasmo entre os entrevistados, mesmo entre aqueles que são de outros estados. Tarcísio é visto como alguém sério e que já está preparado para assumir o cargo de presidente. Avalia-se que está fazendo um bom governo e que conseguiu enfrentar assuntos complexos que preocupam a população, como o da segurança pública, opinião compartilhada principalmente por entrevistados do Rio de Janeiro. A defesa das privatizações também é citada como algo positivo,

porém, há ainda um receio por parte de alguns entrevistados de que ele possa eventualmente “dar um passo atrás” ou “trair” o campo bolsonarista:

A Michelle eu acho que não tem muita força não. O Tarcísio, eu senti um vigor nele muito bom, eu gostei do que ele tá fazendo, tá batendo de frente com o PCC, que isso é uma coisa que ninguém tinha visto. Outra coisa maneira também dele é que lá no governo dele de São Paulo, muita gente fala mal que ele não aparece: “Ah, não é mostrado, não tá fazendo nada”, sendo que ele mostra nas redes sociais, sendo que uma pessoa de esquerda não vai acompanhar o cara que é de direita pra ver se ele tá fazendo ou não. A imprensa não mostra o que ele realmente faz, e ele de fato mostra o que faz porque ele mostra a mesma coisa que ele fez como ministro lá de obras lá do Bolsonaro, as obras que ele fazia nas estradas, ele faz a mesma coisa em São Paulo, sendo que não é mostrado [...] Eu acho que o Tarcísio tem uma coisa que me lembra do Bolsonaro, que é falar pouco e fazer muito, você pôr os números e você vê que melhorou, é isso. A gente não fica falando que quando ele entrou tinha tanto de pobreza e agora tem tanto, ele não fala, ele faz, isso pra mim é fundamental. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Tarcísio está fazendo um bom governo. Eu acho que ele é a favor do Bolsonaro, ele está ao lado do Bolsonaro. Não sei muito bem, mas eu acredito que ele esteja fazendo um bom governo, que as pessoas têm elogiado o governo dele. Então, eu acho que, do mesmo jeito que ele está sendo bom pra São Paulo, ele poderia ser para o Brasil também. (Mulher, 48, moderada, Belo Horizonte)

Eu acho que se o Tarcísio fizer um ótimo governo, ele é um bom candidato. Por quê? Porque ele está fazendo uns negócios bacanas, inclusive, muita gente não gosta de privatização, mas eu estou a favor, porque o transporte público está uma porcaria, ele está fazendo melhorias no sentido de gerando empregos para o interior, que o interior move São Paulo, inclusive as pessoas não têm essa dimensão. Ele está fazendo coisas muito bacanas. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo))

Eu, particularmente, acho o trabalho do Tarcísio muito legal, mas eu tenho ressalvas com ele. Sabe aquela coisa assim, que você tem um pezinho atrás com alguém, e eu tenho um pezinho atrás com ele, com o Tarcísio. Votaria, possivelmente, se ele viesse candidato? Votaria, mas eu votaria com muito receio de uma traição, porque eu não tenho confiança em Tarcísio. (Mulher, 40, moderada, Belo Horizonte)

Eu não acho que ele vire um sucessor do Bolsonaro, não. Eu acho que se a casa começar a cair, o Tarcísio, ele dá pra trás. Ele dá pra trás, porque o Tarcísio, ele era do PSDB antes, né. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL) também desperta entusiasmo entre apoiadores de Bolsonaro, principal-

mente em virtude de sua atitude combativa; “vai pra cima”, “fala”, “briga”. Os entrevistados identificam em Nikolas um desejo de garantir o bem-estar da nação. Nikolas, é visto como um líder, que poderia inclusive capitalizar manifestações de massa no futuro, porém, hoje, é considerado jovem demais para concorrer como candidato à presidência em 2026:

Ele é um cara cristão. Ele traz tudo às claras, entendeu? Ele é novo, mas é um cara que entende muito. A linguagem dele é uma linguagem fácil de você entender, da forma que ele explica, entendeu? Então, eu acho que ele seria um cara muito forte. E se ele fosse um cara que hoje estivesse aí como presidente, o Bolsonaro andaria lado a lado. Eles são um amigão. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

Acho que em determinado momento, se precisar ir pra uma rua para liderar, eu acho que o Nikolas tem mais perfil. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Eu amo o Nikolas. Coração pra ele. Fala verdades, doa a quem doer, não está com medo de nada. Deus tem que guardar muito a vida dele, porque também está sendo muito perseguido, né? A vida dele corre risco. E ele tem que cuidar muito da vida dele. Mas é uma pessoa que tem valores, uma pessoa que quer o bem do Brasil. Se Deus quiser, espero que daqui a oito anos ele seja presidente. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

O Nikolas é uma criança ainda dentro da política. Ele vai fazer o quê? Ele vai chegar lá em cima e quem está mais alto com ele, ele vai ter que obedecer. (Mulher, 31, moderada, Belo Horizonte)

Por fim, a ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro (PL) também é cogitada para substituir Jair Bolsonaro nas próximas eleições presidenciais. Alguns entrevistados afirmam, inclusive, que ela está sendo preparada para assumir esse papel. Porém, a despeito de valorizarem sua atitude em defesa dos valores cristãos, há uma ideia mais geral de que o fato de ser mulher tornaria ela “vulnerável” aos ataques característicos da política e, portanto, ela não teria a “força” necessária para enfrentar essa disputa, em comparação com um homem. Inclusive, na visão dos eleitores, ela poderia ser alguém que se restringiria a cumprir as direções do marido, sem muita autonomia, como teria sido a relação entre Lula e Dilma Rousseff:

A Michelle, eu gosto dela, acredito que ela tem os mesmos princípios, os mesmos valores que a gente. Eu votaria nela também. (Mulher, 33, conservadora, Belo Horizonte)

Eu ainda aposto mais no Nikolas do que na Michele. Por quê? Infelizmente, porque ele é homem. Infelizmente. Eu acho que ainda tem muito machismo. A mulher é sempre taxada. As pessoas começam a julgar o lado pessoal. E a gente é mais frágil nisso. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Eu acho que ela consegue falar bem, ela é uma pessoa que fala bem, expressa bem, tem essa questão de libras, atende esse público mais de libras, pessoal surdo-mudo, mas eu acho que ela não tem espírito político, ela não consegue ter o espírito político ainda forte. Ela tem essa questão da base feminina, a base da mulher, mas eu acho que pra outras coisas ela ainda não está totalmente preparada. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

Ela conseguiria algo por causa do marido, no caso, o Bolsonaro, porque eu acho que se não fosse por ele. Igual falavam que quem era a Dilma por trás era o Lula, e no caso, se a Michelle ganhar, quem vai estar por trás seria o marido dela, no caso o Bolsonaro. Não seria ela querendo falar algo assim, ela tá lendo o que ele escreveu, de repente. Seria uma marionete, vamos dizer assim. (Homem, 37, moderado, Rio de Janeiro)

2.6 ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2024

Os eleitores ainda tinham poucas informações sobre as eleições. Entretanto foi possível identificar alguns vetores do comportamento eleitoral comuns aos apoiadores de Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte. O apoio de Bolsonaro a determinadas candidaturas nas respectivas cidades se mostrou uma informação relevante para orientar a intenção de voto, ainda que não seja suficiente. Um exemplo nesse sentido foi o comportamento de João Doria, que recebeu o apoio de Bolsonaro mas depois rompeu com o político. O critério central para a escolha de candidaturas é a defesa dos valores da família, a posição anti-aborto, a defesa das armas, a crítica à ideologia de gênero etc., inclusive para avaliar aquelas que se localizam à direita no espectro político, mas não necessariamente recebem o apoio do ex-presidente.

No Rio de Janeiro a questão da segurança pública foi um tema central para a escolha de candidaturas. Há um sentimento generalizado de que a violência urbana teria atingido o limite, e que teria se agravado após a posse de Lula. Inclusive, a segurança se mostrou relevante também para o voto no pleito presidencial, considerando a atuação do governador Tarcísio Freitas, visto como alguém que está enfrentando o crime em São Paulo e poderia fazer o mesmo em nível nacional.

Em geral, houve um rechaço a candidatos identificados com partidos de esquerda, principalmente do PSOL e do PT. Os candidatos de esquerda foram posicionados pelos entrevistados no campo político antagônico aos seus valores e ideias. Além disso, enfatizou-se a rejeição das candidaturas apoiadas por Lula. Há, assim, um reconhecimento de que o campo político está fortemente polarizado pela esquerda e pela direita. Como já mencionamos, o governo petista e a esquerda em geral, nessa concepção, agem no sentido contrário, incentivando a continuidade de uma sociedade em que os valores estão invertidos. Por exemplo, no caso da segurança pública, a esquerda não só se mostra omissa diante dessa problemática, como apoia e defende o lado “errado”, da “bandidagem”.

Quando observamos o conjunto de percepções dos entrevistados em relação às eleições presidenciais e municipais, é possível observar que os critérios norteadores do voto são: apoio de Bolsonaro, defesa de valores morais e a questão da segurança pública. Entretanto, no caso das eleições municipais, tais critérios se combinam com outros de ordem mais pragmática, ligados sobretudo ao que os candidatos à reeleição fizeram ou deixaram de fazer pela cidade, em áreas como educação, saúde, transporte etc. Por fim, São Paulo foi vista como a cidade mais relevante para a disputa municipal tanto para o campo da direita, como para o campo da esquerda. Não só pelo tamanho de sua população, mas também pela centralidade que tem na economia nacional. Em seguida, os entrevistados destacaram o Rio de Janeiro também pelo seu tamanho populacional. Para a direita, em particular, ressaltou-se a importância da vitória nessa cidade pela grave crise de violência.

Não tem nenhum que me interessa, eles são fora do que eu busco como cidadã, como mãe, a gente está muito devastada com todos esses políticos, tinha que fazer uma limpa mesmo... eu busco liberdade de expressão, um político e que ele acredita no que eu creio, que os presos não deveriam ter saidinha, coisas sobre gênero nas escolas, livros sem que os pais deem consentimento...ontem com o meu filho peguei um livro que a Cinderela dizia que até gostava do príncipe, mas queria ser solteira”. (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

O apoio do Bolsonaro é interessante, sim, eu vou avaliar ainda porque acaba que você dá credibilidade que o candidato vai fazer as coisas que o Bolsonaro fazia. Eu acredito que a honestidade é um quesito que ele pode cumprir. (Mulher, 38, conservadora, Rio de Janeiro)

Pra mim também porque teoricamente se tá com apoio do Bolsonaro teoricamente deve ser uma pessoa que tem um histórico correto a gente sabe que assim teve alguns personagens nas eleições passadas que surfaram na onda do Bolsonaro, se elegeram e viraram as costas pra ele, mas a gente sabe desse peso entendeu? Mas aí cabe a cada um dar uma pesquisada também né? Isso aí, mas que tem o peso, tem, pelo menos pra mim sim. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

Foram 16 anos do PT, era tanto dinheiro tirado, tanto roubo, criminalidade... estávamos com o país quebrado então eu não votaria em ninguém no PT. (Mulher, 32, conservadora, Rio de Janeiro)

A gente teve muito investimento de Lula em outros países comunistas, O PT não tem nada de Partido dos Trabalhadores, são só grandes empresários que só querem roubar. Hoje é aversão. E olha que eu atrás eu acreditava. É um partido que tinha que ser banido. (Mulher, 38, conservadora, Rio de Janeiro)

Eu acho que a esquerda defende muito o bandido, passa muito a mão no bandido, e a direita já quer mais ser rígida. A esquerda defende que a gente não pode

andar armado e tudo, mas o bandido pode andar armado, pode matar, pode roubar, e a pessoa de bem, não. (Mulher, 33, conservadora, Belo Horizonte)

São Paulo é o que manda no país, é a principal cidade, tudo o que acontece aqui influencia muito nas outras cidades. (Mulher, 41, moderada, São Paulo)

São Paulo é o principal palco do Brasil, como se fosse NY, não para. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Acho que o Rio de Janeiro por conta da criminalidade, é uma cidade que é desenfreada na pobreza, questão de comunidade. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

No Rio aconteceria uma mudança para melhor com alguém com pulso firme, hoje é uma cidade sem lei. (Mulher, 38, moderada, São Paulo)

Rio, porque a gente sabe que é bem anticriminosos, e o Rio está dominado. Para a população seria melhor (que a direita ganhasse). (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

Acho que o candidato teria um bom embate no Rio, a milícia comanda lá. Pode colocar prefeito, governador, o comando domina. É difícil implementar ideias lá, porque polícia e bandido andam lado a lado. As ideias do PL, de valores, interessante seria no Rio, quem sabe assim não muda. Aqui também, a bandidagem toma conta. Lula fala em rede nacional que pode roubar para tomar uma cervejinha, é complicado. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo)

O Rio deveria ser (a cidade mais importante para a direita ganhar), porque é uma realidade totalmente diferente de nós. Eu vou lá uma vez ao mês. A realidade é cenário de guerra, parece Afeganistão, Iraque, buraco de bala. O que domina além das facções é a milícia, a PM que compactua com o crime. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

2.6.1 São Paulo

Os entrevistados da cidade de São Paulo consideram importante o apoio de Bolsonaro a Ricardo Nunes (MDB). Alguns, no entanto, ponderam que o respaldo do ex-presidente não é suficiente, pois os candidatos não necessariamente defendem os valores com os quais se identificam e podem “trair” Bolsonaro, afastando-se dele. Foi citado como exemplo o caso do ex-prefeito João Doria, que posteriormente brigou com Bolsonaro e não implementou melhorias para a população.

A defesa dos valores é uma linha central para a decisão do voto. Nesse sentido, para alguns, Nunes não é um político que batalha ativamente pelos valores que o campo bolsonarista defende. Por último, e de um ponto de vista mais pragmático, os eleitores ficaram divididos em relação à avaliação dos resultados da gestão Nunes. Há uma expectativa em relação à próxima gestão de melhoria na área da saúde, da segurança, mobilidade urbana e segurança.

O candidato da esquerda Guilherme Boulos (PSOL) foi objeto de um rechaço geral. Alguns entrevistados, porém, cogitam votar na deputada Tábata Amaral (PSB), inclusive no primeiro turno, por ser mulher e ter uma trajetória de mobilidade social e de superação pessoal. Entretanto, para outros, Tábata estaria muito próxima do campo da esquerda e dos seus valores (ex. feminismo, legalização da maconha, etc.).

Valores e voto

O Brasil está em jogo porque eles representam uma massa que quer acabar com quem pensa diferente deles e não tem ninguém em São Paulo que represente nossos valores, estamos órfãos (...) Quem ganhar teria que levar a frente nossos valores, estamos agora muito mal vistos lá fora, tem essa briga de twitter, estamos muito órfãos no Brasil e aí em São Paulo também não vai ter esse candidato e também não tem vereador (Mulher, 43, conservadora, São Paulo)

Eu sou contra o aborto, tenho uma fé, Jesus criou homem e mulher, então é importante, porque é algo que acredito. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

Tem alguns quesitos e atitudes éticas, não tem como ser contra seus ideais e você contribuir com ela. (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

Existem princípios éticos que cada um segue, a gente não pode votar em uma pessoa que vai contra isso, senão estaríamos sendo hipócritas. Aborto sou totalmente contra, por conta do trauma psicológico, risco de vida ao cometer o aborto. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Apoio a Bolsonaro x Pragmatismo

Sou super a favor do Bolsonaro, se ele for a favor do candidato X, a opinião dele vale muito, porque seguiria o mesmo princípio que ele. Seria uma pessoa família, é uma pessoa boa, de caráter. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

É bastante importante, Bolsonaro arrasta multidões, é uma grande influência para qualquer candidato, influencia bastante, traz mais credibilidade. (Mulher, 38, moderada, São Paulo)

Eu acho que Bolsonaro apoiou o Nunes talvez para aprontar um pouco ou porque era o menos ruim (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

Eu acho que o Nunes, alguém pensa por ele e aí ele não tem força, e aí também não vejo grandes coisas feitas por ele. Ele está com rabo preso, super, com tudo (...). Hoje fica muito vazio esse apoio de Bolsonaro, porque Nunes não tem a voz e a postura que o Tarcísio, teve, ele falava as mesmas coisas que o Bolsonaro falava. Nunes, tudo bem, mas ele não vai expor tanto esse apoio. E também não sei se ele é 100% Bolsonaro. Nunes não vai dar a cara a tapa pelos valores nem pelo Bolsonaro”. (Mulher, 44, conservadora, São Paulo)

Já teve esse caso no passado, o Bolsonaro apoiou o Dória, depois teve rixa, um começou a fazer coisas em prol dele mesmo, prejudicando a própria população. Tem que ver qual o plano para população, independente de apoio. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Ricardo Nunes é um bom nome né, mas estou pensando ainda. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo)

Eu acredito que investimento em estudo é bom, para as crianças terem um futuro melhor. Eu não tenho condição de pagar uma escola particular. (Mulher, 41, moderada, São Paulo)

A gente tem que ver qual vai ser o plano para a população, muitos prefeitos prometeram e no fim acabou deixando ao vento. Segurança pública, hospital, transporte. A gente tá tendo um surto de dengue muito grande. Pra ser atendido no hospital é de 3 a 4 horas. Na saúde tem uma defasagem muito grande. (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Pra mim o que é importante é o cara conseguir resolver e tomar atitude, independe do partido. Para mim o que importa é eu ver e sentir no dia-a-dia o que o governo tá fazendo. Ricardo Nunes eu vejo que tá caminhando. (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

Esquerda e outros candidatos

A Tábata é dessas coisas de revolução, feminista, liberação de maconha. A gente ser feminista, ok, mas as pessoas confundem o feminismo com você atacar e ataques até terroristas. Eu sou feminista, mas não quero ser o macho da minha casa nem ser punida por não andar igual a elas. (Mulher, 40, conservadora, São Paulo)

Tábata veio de uma família pobre, tem uma história sofrida, não sei se votaria, talvez. No Boulos não votaria, não pesquisei a fundo. Acredito que ele apoia mais os outros partidos que não fazem muito a ver com as coisas que eu acredito e tenho como fé também. (Mulher, 39, moderada, São Paulo)

A Tábata, porque é mulher, para fazer melhorias, ser ouvida, as mulheres merecem ter cargos e fazer acontecer. É quem mais está me chamando atenção. Minha primeira opção está quase nela. (Mulher, 38, moderada, São Paulo)

Votaria em outros, Boulos jamais teria meu voto (Homem, 25, neoliberal, São Paulo)

Votaria contra o Boulos, não dá pra jogar o voto fora. (Homem, 28, neoliberal, São Paulo)

O Boulos é insano, não sei em que mundo que ele vive. Ele defende invadir, essa liberalidade, drogas, aborto, ideologia, né? (Mulher, 48, conservadora, São Paulo)

Eu falo de boca cheia que vou votar no Nunes, o Boulos nem se me trouxesse uma casa, eu sei do histórico dele, ainda mais o Lula apoiando, para o PT voltar e fazer as cagadas que sempre fazem. (...) Boulos além de ter apoio do PT nunca fez nada pelo país. Ele pratica e não faz, era um dos integrantes do MST, invadia os lugares, se faz de coitadinho e tem grana, tem classe média alta, coisa de petista, não votaria nem ferrando. (Homem, 49, neoliberal, São Paulo)

2.6.2 Rio de Janeiro

Entre os entrevistados da cidade do Rio de Janeiro, há um sentimento de desespero em relação à segurança pública e uma forte demanda por repressão. A pauta da segurança e os valores vinculados à repressão de criminosos e “autoproteção” (ex. porte de armas, aumento da maioridade penal etc.) são prioritários e tidos como mais importantes do que pautas como aborto e a defesa da família. Para alguns eleitores, candidatos como Alexandre Ramagem (PL) e Marta Rocha (PDT) são valorizados principalmente por terem tido experiência na área da segurança pública.

Os entrevistados avaliam o apoio de Bolsonaro como um aspecto importante para orientar o voto. Porém, tal critério é relativizado por experiências passadas, como foi o caso do ex-governador Wilson Witzel (ex-PSC), afastado por envolvimento em casos de corrupção e lavagem de dinheiro. Por isso, o apoio de Bolsonaro não garante que o candidato seguirá fielmente os valores com os quais se identificam, a exemplo da luta contra a corrupção. Do ponto de vista pragmático, a avaliação dos resultados da atual gestão de Eduardo Paes (PSD) mostra-se aquém do esperado, pois, na visão dos entrevistados, o prefeito se preocupa apenas em fazer obras “de fachada”, favorece as escolas de samba (que na gestão de Crivella tiveram um corte), e deixa de lado problemas fundamentais como a segurança pública.

Para alguns entrevistados, o apoio de Lula a Paes causa descrédito e maior rejeição entre apoiadores de Bolsonaro. Por fim, assim como nas outras cidades, o candidato da esquerda, Tarcísio Motta (PSL) apresenta uma forte rejeição por apoiar “valores inversos” aos defendidos pelos entrevistados. Em relação à segurança pública, por exemplo, os entrevistados avaliam que a esquerda favorece os “bandidos”:

Valores e voto

De fato, é importante (o apoio do Bolsonaro) sim, vou focar mais no Alexandre, o Bolsonaro apoiando vou ver com outros olhos. Eu sei que o Bolsonaro em questão de segurança é extremo, e é isso o Rio está precisando. A gente já rompeu o limite do desaforo. O bandido ri da nossa cara. Isso tem que acabar. E tem que ser uma pessoa muito severa, não pode ter piedade, não pode ter pena. Tem que amedrontar quem comete crime. Assustar mesmo. Fazer com que a pessoa pague. É menor de idade, por mim mudaria a legislação mesmo, colocaria pena de morte, dependendo do crime e da pessoa. A pessoa comete um assalto porque precisa comer, se

eu não conseguisse outro celular ia perder dinheiro por causa de alguém que pegou e deve ter vendido por 30 reais. Vagabundo é vagabundo. O Rio precisa começar a fazer essa divisão, antes que seja tarde demais. O menor só me assaltou porque sabia que não ia acontecer nada. O meu foco é buscar alguém na segurança. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

O principal é cuidar da segurança porque estamos totalmente jogados. Estamos num lugar de bárbaros. Uma política de segurança firme, de combate mesmo ao crime, com endurecimento da segurança. Audiência de custódia, o cara vai embora...tem que endurecer. Nós, cidadãos de bem, perdemos o direito de ir e vir. A gente paga imposto, mas não tem nada...não tem escolas, não tem nada. O professor de inglês da minha filha dá aula do PT, isso mesmo, infelizmente, para as crianças. (Mulher, 32, conservadora, Rio de Janeiro)

Tudo virou uma zona, uma grande bagunça. A questão da segurança, da família, estes valores não estão bem representados no Rio. Na luz do dia estão matando gente, perdeu-se a mão, o freio. Eu não me sinto representada nem um minuto. (Mulher, 35, conservadora, Rio de Janeiro)

Eu votaria naquele mais próximo ao Bolsonaro porque fica mais próximo do que eu acredito. Eu acredito no bem da família, sou contra a educação sexual (...) caos total, semana que não tem água então não tem escola, não se sente seguro na rua, não tem médico. É uma bagunça total, total. (Mulher, 30, conservadora, Rio de Janeiro)

Apoio a Bolsonaro x Pragmatismo

Estou pensando no Eduardo Paes porque ele está fazendo bastante obras e isso influencia muito. E sobre os valores, na verdade honestamente a política não representa os valores que eu espero, há mais inversão de valores então a gente é obrigado a avaliar quem faz alguma coisa...Sempre tem desvios. Honestidade nenhum político representa, fazer pelo povo, sabe? Dar uma dignidade. Mas eu não sabia que tinha um candidato que apoia a Bolsonaro. Eu prefiro votar num candidato de Bolsonaro. (Mulher, 35, conservadora, Rio de Janeiro)

Tem certo peso o apoio do Bolsonaro, mas tenho que ver o que ele fez de bom como deputado. Na época do Witzel, a gente votou por ele ser indicado pelo Bolsonaro, para mudar o histórico de governadores presos. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

Eu votei no Witzel achando que ia mudar e ele não fez nada. E a gente para e pensa, não é questão de ter o apoio de Bolsonaro, mas será que ele vai fazer o que tem que fazer ou vai ser corrompido como o Witzel. Eu espero que quem vier, venha pra ajudar e tentar esquecer essa coisa de corrupção, foram 5 governadores seguidos presos. Por enquanto, esse que está agora não

foi. Espero que ele não seja. Pelo amor de Deus. Nunca vi outro estado que aconteceu isso. Quando o Bolsonaro quis diminuir a minoridade, ninguém aceitou, e agora o Lula, novamente, vetou todos os votos para não ter mais saidinha, achei absurdo isso. Quantos crimes esses caras tão cometendo novamente. Teve uma garota de 12 anos no Nordeste que foi estuprada e morta porque o cara teve uma saidinha. (Homem, 37, moderado, Rio de Janeiro)

O Eduardo Paes é muito bom na questão de obras, mas nada mais é do que uma maquiagem, eu queria alguém que focasse em segurança. Porque com a segurança você vai ter educação, saúde. É assustador, eu tenho 1,89 m de altura e fui rendido por 4 garotos de 15 a 17 anos. Quando fui pra cima puxaram uma faca gigante, e não era tarde. Tá num grau de violência que chegou no limite. Eu não conheço muito bem os demais candidatos, vou ter que pesquisar para formar minha opinião. (Homem, 38, moderado, Rio de Janeiro)

Tem que ver o que eles vão falar, o principal fator é segurança e saúde, tá bem complicado, eu trabalho na rua e vejo de tudo, muita gente roubada, a gente trabalha para ser roubado. Eu sou totalmente contra o show da Madonna que não tem segurança. O metrô tá 7,50 e você não consegue se deslocar. Já chega do Paes como prefeito do Rio, ele faz coisas boas, mas sobre outras coisas ele não sabe fazer nada, só festa. Ele reformou o sambódromo em menos de 1 mês, mas para outras coisas que tem que fazer, ele não faz. Mas para festa, ele faz em questão de dias. (Homem, 37, moderado, Rio de Janeiro)

Então, assim, eu achei que as atitudes dele só mostram quem ele (Eduardo Paes) realmente é. Então, assim, o samba voltou a ter todo o dinheiro que tinha antes aos poucos ele foi buscando liberando aquilo que, pô, gente, eu saio daqui, eu moro aqui em Bangu eu saio daqui, eu vou para a casa da minha cunhada, que é ali no recreio eu tenho que pagar um pedágio, é loucura, se eu não pago eu acabo com o carro demora um tempão para chegar lá. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

Olha, assim, é como eu falei. Eu imagino que a Marta seria, por ela ser delegada, por, teoricamente, ela estar numa posição a favor da lei, vamos dizer assim, de fazer o que é certo. Teoricamente, seria ela. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Acho que eles (Alexandre Ramagem e Marta) investiriam bastante nessa parte de segurança. Porque pra entrar nesse meio não é qualquer político que estaria preparado pra encarar esse... essa área, né? A gente precisa de alguém que vai ter peito pra falar 'deixa comigo', porque aqui meu amor, você negocia ou você faz aliança ou você não consegue fazer nada. Eles mandam. Então eu acho que vai ter que vir alguém muito marrento que saiba entrar. Eu não acredito que vai ser feito alguma coisa em quatro anos assim, é muita lameira,

muita sujeira vai ter que vir alguém muito doido pra querer revolucionar e depois dele tem que vir um outro pior ainda pra continuar o processo, pra ver se faz alguma coisa. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

Esquerda e outros candidatos

Não tem outro candidato melhor, não votaria no Tarcísio Motta, não simpatizo mais com a ideologia dele e a Martha Rocha não conheço. O PSOL sempre vota a favor de benefícios para bandidos. Não era a favor da população, não me passa mais credibilidade. Pra mim é mais a segurança mesmo, aborto e família é irrelevante, tem outras pautas mais importantes. (Homem, 33, moderado, Rio de Janeiro)

O Tarcísio, pra mim, é uma pessoa totalmente fora de cogitação, porque é PSOL, então são outros valores, apesar de que algumas pessoas com quem eu convivo falam que ele tem algumas boas ações, assim, como parlamentar, né? Mas, pra mim, obviamente, não seria opção. (Mulher, 39, neoliberal, Rio de Janeiro)

A bancada do PSOL, eles têm os valores, assim, meio... Por exemplo, eles são a favor de aborto, são a favor de descriminalizar as drogas. (Mulher, 40, neoliberal, Rio de Janeiro)

Eu vejo também que eles [PSOL] segregam as pessoas, em vez deles tratarem todo mundo como iguais, não. Parece que eles fazem questão de segregar e dividir as pessoas em grupo e, nisso, eles vão ganhando o público deles, né? Vamos dividir aqui. (Mulher, 32, neoliberal, Rio de Janeiro)

2.6.3 Belo Horizonte

Os entrevistados da cidade de Belo Horizonte consideraram importante o apoio de Bolsonaro para orientar o seu voto. Em sua visão, o Brasil está dividido entre esquerda e direita, e que essa divisão gera apoio/credibilidade ou rechaço/descreditos dos candidatos apoiados por Bolsonaro ou de outras lideranças do campo da direita, como o deputado federal Nikolas Ferreira (PL). O fato de os candidatos serem alinhados aos seus valores também se mostrou um fator importante para a escolha do candidato. Nesse sentido, Bruno Engler (PL) e Carlos Viana (PODEMOS) foram descritos como candidatos de direita que defendem a família e são cristãos.

No caso de Engler, que atualmente é deputado estadual, foi ressaltado ainda o fato dele ser conservador, mas com novas ideias. Já Carlos Viana, na percepção dos entrevistados, é alguém que, em sua atuação jornalística, “defendeu o povo” e fez denúncias acerca dos problemas da cidade como segurança pública, saudade, etc. Entre os eleitores de Belo Horizonte, o critério pragmático, considerando as realizações concretas dos postulantes, também se mostrou relevante. Assim, a despeito das críticas feitas ao atual prefeito Faud Noman (PSD), que assumiu a prefeitura após a renúncia de Alexandre Kalil, para alguns entrevistados, é importante que sua gestão tenha continuidade.

Por fim, os eleitores de Belo Horizonte manifestaram rechaçar candidatos de esquerda, neste caso o candidato Rogério Correia do PT. Para eles, a esquerda defende “tudo virado” e criticaram a “ideologia de gênero”, o feminismo, a leniência com os “bandidos” etc. Destacou-se que, em relação à segurança pública, a esquerda silencia e se omite.

Valores e voto

O Bruno Engler teve o apoio do Bolsonaro também. Mas eu conheço pouco sobre ele. Eu sei que ele é muito amigo do Nikolas Ferreira, os dois andam muito juntos. E ele é uma pessoa a favor da família também. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Eu acho que o pensamento do Bruno Engler, vai mais perto do que o meu. Olha, eu já ouvi algumas coisas dele falando que ele é mais conservador também, mas que não é aquele conservador que proíbe muita coisa. Ele é um pouco mais liberal para as coisas. Já ouvi, não sei se é verdade porque eu conheço pouco ele também. Mas eu acho que pelas coisas que falaram dele ele parece ser uma pessoa muito centrada no que ele quer. E ele é novo também, ele não é velho não. Ele é mais novo. Não é igual o Nikolas, mas ele é mais novo também. Então ele tem umas ideias daquela geração. (Mulher, 31, moderada, Belo Horizonte)

Carlos Viana era apresentador, cristão. Então, sempre ele desejava Shabbat Shalom, ele sempre falava palavras hebraicas, ele sempre dava uma palavra de abençoar a família, sempre falava da família, dos filhos. Então, a gente já vê que ele é uma pessoa mais a favor da família. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Eu sei que Vianna é cristão, que ele bate muito nessa tecla de família, da religião, mas eu também não sei muito, assim, a fundo, a respeito. (Mulher, 48, moderada, Belo Horizonte)

Apoio a Bolsonaro x Pragmatismo

O Bolsonaro é uma pessoa que sofre muita perseguição política. Então a gente quer apoiar ele, fortalecer ele, e quem ele apoia é como se a gente tivesse apoiando o Bolsonaro. Então a gente vai junto. Quem ele apoiar para o presidente também vai ganhar, então deve ser assim. Então tudo que vier de Bolsonaro, eu apoiaria. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Mais ou menos pelo partido, a gente já começa a ter uma referência, né? Acaba que... Eu já tenho um interesse em pensar um pouco na proposta do Bruno, talvez, pela questão dos interesses dele serem, mais ou menos, de acordo com o que eu o apoio, ter o apoio do presidente Jair Bolsonaro, ex-presidente, ser do partido do PL. Então é uma coisa que, mais ou menos, já leva a gente um pouco nessa linha. (Mulher, 35, conservadora, Belo Horizonte)

Eu acho que, se cortar Faud Noman, pode ser que a gente se arrependa. Eu acho que ele merece esse voto de confiança para continuar. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

Esquerda e outros candidatos

Essa questão, como a gente conversou, de ideologia de gênero, de incrementar isso na vida das pessoas, e movimentando, querendo também trazer tumulto, falando que é respeito, mas a questão só de incrementar as coisas do jeito que eles gostam de incrementar. Eles (PT) são muito a favor dessa questão da ideologia de gênero, de que as pessoas têm que aceitar. Tipo assim, as escolas têm que ter banheiros juntos. (Mulher, 33, conservadora, Belo Horizonte)

Para começar, eu sou antipetista. Eu sou antipetista. Só se a pessoa falar que é do PT, eu já não gosto dela. (...) O PT defende tudo de errado. O PT defende droga, defende aborto, defende violência. Defende tudo. É a favor dos países comunistas. É a favor dos terroristas. É a favor de tudo de errado. Gosta de ideologia de gênero para criança. (Mulher, 47, moderada, Belo Horizonte)

CONCLUSÕES

A partir dos dados coletados foi possível constatar que a adesão ao bolsonarismo continua forte entre os eleitores de Jair Bolsonaro. A despeito do ex-presidente estar inelegível até 2030, seus eleitores continuam se guiando por suas declarações e apoios políticos. Há um desejo intenso em mudar radicalmente o país, e nesse sentido, os entrevistados enfatizam, sobretudo, a necessidade contínua da luta contra a corrupção, da defesa da família tradicional, e de medidas radicais de repressão contra o crime, pautas associadas a Jair Bolsonaro e demais políticos e lideranças do campo bolsonarista.

A percepção de que Bolsonaro goza de grande apoio em público e em manifestações faz com que tais desejos de mudança continuem a ser alimentados entre seus apoiadores. Em sua visão, Bolsonaro, ao contrário de Lula, possui forte apoio social, que teria medo de sair nas ruas e ser vaiado. Além disso, os entrevistados apontam que as manifestações da esquerda seriam menores em comparação com as manifestações de direita, e que o voto em Lula se justifica pelo conformismo social dos mais pobres, conquistado por meio dos benefícios sociais oferecidos pelos governos do PT.

Em relação ao 8 de janeiro, a maioria dos entrevistados entende que houve um exagero na repressão às pessoas que participaram dos ataques, considerando, sobretudo, a aplicação das penas de reclusão. Muitos desconfiam que a violência teria sido desencadeada por pessoas infiltradas de esquerda, pois, em sua visão, as manifestações promovidas por apoiadores de Bolsonaro são sempre pacíficas. A desconfiança generalizada da mídia tradicional e do STF por parte de eleitores de Bolsonaro permanece por conta da percepção de que tais atores agem de forma parcial para favorecer a esquerda, sobretudo tendo em vista a dinâmica das eleições e os desdobramentos do 8 de janeiro. Inclusive, a mesma desconfiança se estende ao sistema eleitoral, na medida em que boa parte dos entrevistados entende que as urnas eletrônicas são passíveis de manipulação, votos podem ser comprados, ou pode haver manipulações de outra ordem que impeçam determinada candidatura de ganhar.

Uma possível declaração de Estado de Sítio por parte de Bolsonaro, com objetivo de anular as eleições, é tida por vários entrevistados como uma medida radical que poderia fazer com que o país mudasse de fato. Contudo, muitos ponderam

que, Bolsonaro não teria decretado tal medida pois o país poderia mergulhar em um caos e passar a ter uma “guerra interna”, o que seria prejudicial para os brasileiros. No entanto, as pessoas entendem que Bolsonaro tenha cogitado decretar tal medida, considerando a dificuldade de transformar o país a partir das instituições existentes.

O entendimento de que Bolsonaro é perseguido pela mídia, pelo STF, pela esquerda e pelo sistema político em geral é generalizado. Segundo os entrevistados, isso ocorre porque o ex-presidente realmente deseja fazer uma transformação profunda do país. Assim, ainda que Bolsonaro venha a ser preso, os entrevistados afirmam que muitos de seus apoiadores continuariam a defendê-lo. Porém, consideraram que, caso existam provas de que Bolsonaro cometeu ilegalidades, ele deve ser responsabilizado por isso. Nesse sentido, um entrevistado cita com desconfiança, por exemplo, os sigilos de cem anos que Bolsonaro adotou em vários assuntos relacionados ao governo federal.

De qualquer forma, ainda que Bolsonaro venha de fato a perder seu apelo, para os entrevistados, o bolsonarismo não depende exclusivamente da liderança do ex-presidente. Todos reconhecem que existem outras lideranças no campo da direita que podem conduzir seu projeto político. Desse modo, todos os entrevistados afirmam que irão buscar candidaturas nas eleições de 2024 e 2026 que defendem abertamente os valores do bolsonarismo e/ou que sejam explicitamente apoiadas por Jair Bolsonaro. Além disso, são rechaçadas candidaturas apoiadas por Lula, que sejam percebidas como sendo de esquerda e/ou que não defendam os mesmos valores ligados ao bolsonarismo.

Nesse sentido destaca-se o atual governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Ainda que exista certa desconfiança em relação a Freitas, a percepção de que ele vem combatendo o crime organizado em São Paulo fez com que ele fosse citado como possível candidato à presidência do campo bolsonarista em 2026. Nikolas Ferreira é celebrado por muitos entrevistados, porém, seria muito jovem para concorrer às próximas eleições presidenciais. Já Michelle Bolsonaro divide opiniões, por um lado é tida como boa candidata, sobretudo por se comunicar com as mulheres, por outro, é vista como alguém que seria uma marionete de Jair Bolsonaro e não teria voz própria.

Já no que diz respeito às eleições municipais de 2024, a maioria dos entrevistados entende que uma vitória na cidade de São Paulo seria importante para o campo bolsonarista. Ao mesmo tempo, outros apontam que o Rio de Janeiro, por conta da questão da segurança pública, seria um local importante para o bolsonarismo vencer as eleições. Como a pesquisa foi realizada com seis meses de antecedência em relação ao período eleitoral, a maioria dos entrevistados não conhecia muito bem as candidaturas de suas respectivas cidades. Justamente por conta de tal desconhecimento, foi possível perceber que o apoio de Bolsonaro tem um peso bastante importante na decisão do voto, ainda que não seja crucial. Afinal, candidatos à prefeitura que foram apoiados por Bolsonaro, como João Doria, em São Paulo, e Wilson Witzel, no Rio de Janeiro, acabaram deixando memórias negativas entre os eleitores do ex-presidente.

Nesse sentido, os entrevistados destacaram que, mais relevante do que o apoio de Bolsonaro, é a defesa dos valores do campo bolsonarista. Ou seja, candidaturas que estejam comprometidas com a defesa da família tradicional, que sejam contra o aborto e que apostem em medidas radicais contra o crime organizado, serão bem avaliadas pelos eleitores de Bolsonaro. Ao mesmo tempo, candidaturas que sejam contrárias a tais pautas, apoiadas por Lula ou percebidas como sendo de esquerda, são rechaçadas. É importante, porém, destacar que dinâmicas locais ganham certa proeminência na decisão do voto, assim, a avaliação das ações de atuais prefeitos pode vir a contar positivamente na decisão do voto. De qualquer forma, é esperado um alinhamento importante entre eleitores bolsonaristas em relação ao voto. Afinal, como apontaram os próprios eleitores, ainda que determinadas pautas não sejam decididas no âmbito municipal, o que é fundamental é que pessoas eleitas para quaisquer cargos públicos compartilhem dos mesmos princípios.

Destaques

- Jair Bolsonaro continua exercendo uma forte liderança no campo da direita.
- O apoio que recebe em aparições públicas e manifestações alimenta a conexão dos eleitores com o bolsonarismo.
- O bolsonarismo não depende exclusivamente da liderança do ex-presidente, outras lideranças podem conduzir seu projeto político.
- As acusações de corrupção e a declaração de inelegibilidade pelo Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) de Jair Bolsonaro são vistas pelos apoiadores como, uma manobra, uma jogada ou uma estratégia política para tirar o ex-presidente da disputa política
- Bolsonaro continua a ser percebido como um político perseguido pela mídia, STF, esquerda e sistema político como um todo por querer transformar o Brasil.
- Em uma hipotética prisão do ex-presidente, os entrevistados afirmam que Bolsonaro continuaria tendo uma voz ativa, como foi o caso de Lula.
- Há um consenso em repudiar o vandalismo e a depredação do patrimônio ocorrido no ato de 08 de janeiro, porém, a maioria dos entrevistados entende que a violência foi deflagrada por “infiltrados” do PT ou da esquerda.
- Existe ainda uma forte desconfiança disseminada em relação aos resultados das urnas e sobre os processos eleitorais.
- Apesar de alguns entrevistados terem se mostrado favoráveis ou inclinados à ideia de Bolsonaro declarar estado de sítio após as eleições, entendem que tal ato teria um resultado negativo, gerando caos e inclusive uma guerra interna no país.
- A contenda centrada nos valores morais continua sendo uma das principais frentes da disputa política do bolsonarismo.
- No cenário das próximas eleições presidenciais, sem Bolsonaro, Tarcísio despertou entusiasmo entre os entrevistados, inclusive de outros estados.
- Tarcísio é visto como alguém que é sério e está imediatamente preparado para assumir o cargo e, sobretudo, alguém que enfrenta o crime organizado.
- Nikolas Ferreira mobiliza a estrutura de sentimentos e valores bolsonaristas, sendo muito ativo nas redes sociais. É visto como um futuro líder do campo bolsonarista.
- Michelle Bolsonaro mobiliza mulheres, mas é tida como alguém que não tem voz própria e seria conduzida pelo marido.
- Em relação às eleições municipais deste ano, o apoio de Bolsonaro ao candidato nas respectivas cidades se mostrou uma informação relevante para orientar a intenção de voto.
- A defesa dos valores do campo bolsonarista é considerada por todos os eleitores um critério central para a escolha do candidato.
- Sobretudo no caso do Rio de Janeiro, a questão da segurança pública se mostrou um critério central para a escolha do candidato.
- No caso da segurança pública, na visão dos entrevistados, a esquerda não só se mostraria omissa, como apoiaria o lado dos criminosos.
- Em geral, houve um rechaço a candidatos identificados com partidos de esquerda, principalmente do PSOL e do PT. Os candidatos de esquerda foram posicionados pelos entrevistados no campo de oposição aos seus valores e princípios morais.

TABELA: PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Perfil	Entrevistados	Idade	Cidade	Bairro	Escolaridade	Profissão	Religião	Renda familiar	Raça	Voto 1º turno 2018	Voto 2º turno 2018	Voto 1º turno 2022	Voto 1º turno 2022
Conservador Cristão	Mulher	40	São Paulo	Vila Carrão	Superior Completo	Analista de Governança	Evangélica	R\$ 6.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	44	São Paulo	Vila Matilde	Técnico Completo	Assistente Administrativo	Evangélica	R\$ 2.500,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	48	São Paulo	Vila Matilde	Superior Completo	Professora	Evangélica	R\$ 7.000,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Homem	25	São Paulo	Ipiranga	Ensino Médio Completo	Auxiliar Administrativo	Evangélico	R\$ 3.000,00	Branco	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Homem	28	São Paulo	Ipiranga	Superior Completo	Vendedor de Produtos Químicos	Espírita	R\$ 6.200,00	Branco	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Homem	49	São Paulo	Sapopemba	Ensino Médio Completo	Motorista Fretado	Candomblecista	R\$ 6.000,00	Pardo	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	41	São Paulo	Jd. Patente	Ensino Médio Completo	Representante de Desenvolvimento de Negócios	Umbandista	R\$ 2.000,00	Preta	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	38	São Paulo	Vila Formosa	Ensino Médio Completo	Analista de atendimento	Sem religião	R\$ 3.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	39	São Paulo	Ipiranga	Ensino Médio Completo	Assistente de relacionamento ao cliente	Evangélica	R\$ 2.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	31	Belo Horizonte	Santa Lúcia	Superior Completo	Analista de compras	Católica	R\$ 4.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	48	Belo Horizonte	Castelo	Pós Graduação	Pedagoga	Católica	R\$ 7.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Mulher	47	Belo Horizonte	Nova Cintra	Técnico Completo	Secretária	Evangélica	R\$ 5.500,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Homem	33	Rio de Janeiro	Copacabana	Superior Completo	Supervisor de laboratório	Evangélico	R\$ 5.500,00	Branco	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Homem	38	Rio de Janeiro	Copacabana	Superior Completo	Representante comercial	Católico	R\$ 6.000,00	Pardo	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Moderado	Homem	37	Rio de Janeiro	Copacabana	Superior Incompleto	Panfletista	Católico	R\$ 2.200,00	Branco	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	38	Rio de Janeiro	Campo Grande	Superior Completo	Fisioterapeuta	Evangélica	R\$ 8.000,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	32	Rio de Janeiro	Barra da Tijuca	Superior Completo	Gerente Administrativa	Evangélica	R\$ 7.000,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	30	Nova Iguaçu	Miguel Couto	Superior Completo	Assistente Administrativa	Evangélica	R\$ 6.500,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	35	Belo Horizonte	Mantiqueira	Superior Completo	Policial	Evangélica	R\$ 8.000,00	Preta	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	33	Belo Horizonte	Centro	Superior Completo	Dona de casa	Evangélica	R\$ 6.000,00	Preta	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Conservador Cristão	Mulher	31	Belo Horizonte	Mantiqueira	Ensino Médio Completo	Social Midia	Evangélica	R\$ 7.000,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Mulher	40	Rio de Janeiro	Centro	Superior Completo	Consultora de viagens	Evangélica	R\$ 3.500,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Mulher	32	Rio de Janeiro	Tijuca	Superior Completo	Vendedora de Roupa	Evangélica	R\$ 3.000,00	Branca	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro
Neoliberal	Mulher	39	Rio de Janeiro	Bangu	Ensino Médio Completo	Revendedora de produtos de informática	Evangélica	R\$ 4.000,00	Parda	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro	Jair Bolsonaro

AUTORAS

Camila Rocha é cientista política e pesquisadora do CEBRAP.

Esther Solano é socióloga e professora da UNIFESP.

Thais Pavez é doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (CENEDIC) da FFLCH-USP. Foi professora colaboradora no departamento de Sociologia e Antropologia da UNESP (2017-2018) e no Departamento de Ciência Política da USP (2020-2021).

FICHA TÉCNICA

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 • São Paulo • SP • Brasil

Responsáveis:

Christoph Heuser, representante da FES no Brasil

Gonzalo Berrón, diretor de programas

Fabio El-Khoury, coordenador de projetos

<https://brasil.fes.de>

Contato:

fesbrasil@fes.org.br

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

BOLSONARISMO SEM BOLSONARO?



Entre os eleitores de Bolsonaro entrevistados há um desejo intenso em mudar radicalmente o país. Nesse sentido, enfatizam, sobretudo, a necessidade contínua da luta contra a corrupção, da defesa da família tradicional, e de medidas radicais de repressão ao crime.



A percepção de que Bolsonaro goza de grande apoio em público e em manifestações faz com que desejos de mudança radical continuem a ser alimentados entre seus apoiadores. Em sua visão, Bolsonaro possui forte apoio social, ao contrário de Lula, que teria medo de sair nas ruas e ser vaiado, e as manifestações da esquerda seriam menores em comparação com as manifestações bolsonaristas. Além disso, entendem que o apoio a Bolsonaro seria mais “verdadeiro”, pois o voto em Lula se justificaria pelo conformismo social dos mais pobres, conquistado por meio dos benefícios sociais oferecidos pelos governos do PT.



Mais relevante do que o apoio de Bolsonaro a determinadas candidaturas em 2024, é a defesa de valores relacionados ao campo bolsonarista. Candidaturas comprometidas com a defesa da família tradicional, que sejam contra o aborto e que apostem em medidas radicais contra o crime organizado, serão bem avaliadas pelos eleitores de Bolsonaro.

Para mais informações sobre o tema, acesse:
<https://brasil.fes.de>